



# ONAIR NUNES

BASTA OLHAR PARA TRÁS – Há muito sobre o que refletir

A conversa até que estava boa, mas de repente as coisas pareceram estar saindo do lugar. A postura era tensa, as palavras severamente medidas, o tipo de situação em que as escorregadelas são apenas questão de tempo. E pronto! “A pandemia anulou a economia que fizemos com a reforma da Previdência”. Que economia?

A Cartilha do Senador Paim precisa ser divulgada mais amplamente. Não somos crédulos, ocorre estarmos sempre esperando visões claras e atitudes positivas, andamos com uma terrível vontade de acreditar, aplaudir, esperarmos-nos, mas está um bocadinho difícil. Bateu de novo aquele desânimo que não nos abandona, a conhecida sensação de perda de tempo, e àquela hora!... Não deu para segurar o sono, até nos envergonhamos em face da tremenda profissional que conduz os trabalhos, desculpe nobre senhora, mas, caramba, àquela altura, àquela hora?...

É inacreditável que o Relatório da CPI da Previdência tenha sido tratado como foi; até que ponto a população brasileira sabe de sua existência e conteúdo? A peça reclama providências, precisa ser desarquivada, discutida, assunto capital, pode embasar a solução de boa parte dos nossos problemas. Nenhum programa de candidatos a cargos eletivos no próximo ano poderá ser levado a sério se não se ocupar do assunto. É este, por sinal, o momento exato de começar a analisar as posturas, atitudes e passado dos postulantes; daqui a seis meses precisaremos ver e analisar os seus programas, escritos, compromissados, fundamentados, assinados embaixo e publicados, é o mínimo sem o qual estaremos como sempre estivemos, dando saltos no escuro e contribuindo para a ruína do país.

O blog quer contribuir. Você encontrará a seguir uma pequena coletânea de Artigos aqui publicados; leia-os analisando, constatando o quanto é necessário prepararmos-nos para sermos bons eleitores, à medida exata e razão inversa do tanto quanto não se preparou adequadamente boa parte dos candidatos a postos eletivos nas últimas eleições. Seja realista, reflita e reflita, do contrário as coisas piorarão até o ponto de não retorno, que já está próximo demais para permitir acomodações maiores. Esta é a hora, assumo o seu papel, só você poderá desempenhá-lo.

O Brasil viveu a grande mentira do déficit da Previdência até a CPI do Senado derruba-la, verificado com todos os esses e erres, pingos nos i's, vírgulas e pontos que há dinheiro na Previdência suficiente até mesmo para aumentar o atual teto das aposentadorias, é dizer, não falta dinheiro, sobra! Assim, a pergunta persiste: Por que essa correria toda, essa afoiteza em tratar de um assunto que pode esperar um pouco, que certamente vai parar o Congresso, como, por sinal, já parou, inibindo-o de examinar questões de fato urgentes. As prioridades nacionais são outras, desemprego e fome, a esquematização de investimentos imediatos para destravar a Economia, por exemplo, questões relativamente às quais a reforma da Previdência proposta em nada influirá ou contribuirá para melhor. Só piora, por suas inadequações.

Previdência é matéria paralela, não é a Economia, esta sim, necessitada de toda a atenção. A Economia é a grande prioridade.

O blog, no início de 2018, alertou. O enfoque era inconsistente, distorcido por expectativas sem nenhum embasamento realístico e destinado a provocar equívocos. Previsões de crescimento do PIB no ano acima de 1% (um por cento) eram fantasia, não se sustentavam. Tivemos a grande mentira da recuperação da Economia e a grande mentira do déficit da Previdência. Estamos vivendo uma mentira após outra enquanto o país anda para trás, pioram os índices, a fome uma realidade pavorosa. Uma outra pergunta já foi feita: De onde os salões perfumados das classes favorecidas pensam sair comida para os nossos milhões de desempregados e desesperançados que já nem emprego procuram, para os que vivem abaixo da linha da pobreza absoluta? Sem trabalho, sem emprego, órfãos de toda assistência, não sai de lugar nenhum, eles se viram, comem muito mal ou não comem, não vivem, apenas existem. Os desesperançados, desiludidos de buscar emprego, não existem sequer para as estatísticas; para a seleta sociedade engalanada e suas facilidades eles não são, nem serão. Parece que ninguém está preocupado com eles.

A Economia está parada, o Governo não gastou e não gasta, o consumo das famílias esclerosou-se, o saldo exportação menos importação não compensou as duas vertentes anteriores; o investimento, de desempenho razoável na incerteza geral, é fator concorrente menor no cômputo do PIB de 1,1% (um e um décimo por cento) em 2018, de levantar as mãos para o céu que a expansão demográfica está girando em torno de 0,6% (seis décimos por cento), com espaço ainda para expandir a renda média de quem vive, não expande existe. Quem não é ou será não tem renda, não tem nada, não preocupa nada, só tem expandida à própria infelicidade. Isso é alarmante! Essas pessoas precisam de trabalho, precisam comer!

Tornamo-nos uma grande piada sem graça, volta e meia uma novidade, que, no fim das contas, não é tão novidade assim. O pouco de confiança que havia está indo embora, ou foi-se. Como inspirar atitudes positivas quando se está perdendo a quase nenhuma credibilidade restante?

Há um caminho. Fazer da Previdência um núcleo de geração de riquezas mudará para melhor os rumos do Brasil, do financiamento às pequenas e médias empresas, as grandes empregadoras do país, à solução para a saúde, sem perspectivas. Por que não pensar em termos de uma nova redação para o Artigo 201 da Constituição Federal, com todos os seus desdobramentos?

*A previdência social será organizada sob a forma de regime próprio por categoria profissional, de caráter contributivo e de filiação obrigatória, observados critérios que preservem o equilíbrio financeiro e atuarial, e atenderá, nos termos da lei, a:*

- I. ....
- II. ....
- III. ....
- IV. ....
- V. ....

*§ 5º É vedada a filiação ao regime de previdência social previsto no caput deste Artigo, na qualidade de segurador facultativo, de pessoa participante de regime próprio de previdência em sua categoria profissional.*

*§ 7º É assegurada aposentadoria no regime de previdência social previsto no caput deste artigo, nos termos da lei, obedecidas as seguintes condições:*

- I. ....
- II. ....

É um assunto delicado, sem dúvida, de grande responsabilidade, mas nem de longe pode-se imaginar que ao Congresso falta envergadura e poder para desenvolvê-lo com competência, além de termos, nessa área, precedentes extremamente valiosos de um tempo em que, cuidadas pelas categorias profissionais respectivas, aposentadorias, pensões e afins, de sobejo a saúde e a assistência social, funcionavam de modo bastante satisfatório neste país.

Não faltarão cassandras a predizerem desgraças, dificuldades e confusões monumentais com relação ao assunto. E os pobres de espírito, tementes da vida independente, a fugir dos sacrifícios normalmente exigidos dos homens de tempera que atendem ao seu chamado e dão o melhor de si, para dela receberem muito mais do que dão, maior seja o seu sacrifício, com a certeza de que se bastam, não pedem favor nem licença a ninguém para viverem decentemente suas vidas e não querem tolhida a liberdade de traçarem os próprios destinos e do seu país, ao invés de tê-los, a liberdade e o seu país, outorgados por forças outras que não a Constituição e a lei ordinária.

É preciso habilidade camaleônica, maturidade e jogo de cintura para ultrapassar nesses momentos os mal-intencionados de sempre, a defenderem interesses próprios e de terceiros que nada têm a ver com os interesses gerais, do país; conhecê-los em suas tolas momicas, banalidades e pequenezas é o melhor antídoto contra a primariedade de sua natureza destrutiva, mas muitas vezes ingénua. O remédio mais eficaz para os males que idiossincriticamente espargem está no maior distanciamento possível e no vigor diligente temperado pela experiência haurida nas batalhas pela vida.

Os entes dessas características, não raro, estão sob olhos que não os conseguem ver, entes tais que não se entusiasmam com o cavalo das aparências e privilegiam a substância.

**DO BLOG, MENTIRAS DE ESTIMAÇÃO — Publicado em Março de 2019**

O centro/direita apostou alto, mas não há recursos para satisfazer as expectativas criadas e as promessas de recuperação, já sem credibilidade, uma sucessão de teatralidades fartamente noticiada para sustentar o que parece insustentável. E, se de seu turno eleições municipais não são lá essas coisas como termômetro para 2018, no quadro atual os seus resultados deixam claro o recado das urnas: Vocês disseram que a responsabilidade era deles, pois bem, aí estão os seus mandatos, mudem para melhor. Não adiantam explicações de que escangalharam demais, é tarde para esse discurso. Consequência: O governo de agora será perdido com juros em 2018, salvo inesperados. Teto? Vai piorar tudo, a movimentação de dinheiro vai encolher ainda mais e com isso a situação geral piora. Menos dinheiro em circulação é tudo o que não precisa a economia depauperada de um país em desenvolvimento, juros altos em plena crise idem. Foi isso o que fizeram as potências econômicas quando se viram a braços com a crise, ou justamente o inverso, derrubando os juros até ao zero? Juro alto e encolhimento do meio circulante para debelar inflação e custos numa época de queda vertical da demanda e despencar de vendas? Claro, lógico e evidente, está tudo errado, embora efusivamente festejado.

**DO BLOG, TRECHO, COMBINANDO FATOS — Publicado em 31 de Outubro de 2016**

É tempo de colocar a questão da Embraer em pratos limpos, cuidar da montanha de dinheiro público investido na Empresa, evitar terminantemente sua evasão e prevenir que a finalidade desse investimento seja preenchida. O Brasil é um país economicamente travado, afeito quanto ao mercado internacional a práticas que beiram a falta de educação, fechando-se seletivamente; precisa desregulamentar até o ponto em que o aumento das carteiras não seja prejudicado.

Não precisa de abertura, que já somos uma Economia aberta; se escancararmos a porta seremos engolidos pela necessidade quase desesperada de exportar desse ou daquele país do Atlântico Norte que, embora alguns espasmos, chegou economicamente ao ponto-limite. Cada facilitação generosa levará os nossos dólares e os nossos já escassos empregos. É a nossa Economia que precisa ser destravada, não a dos outros; não faz tanto tempo assim, tivemos praticamente pleno emprego e padecemos da escassez de mão de obra. Não custa ter isso em mente.

A nossa situação econômica é rigorosamente incerta a despeito do foguetório partido das fontes de sempre. O crédito para capital de giro é um pesadelo para os homens de negócios, nada lhes aproveitando a redução dos juros quando, pela falta de capital de giro, escasso e difícil, têm dificuldades para produzir o que lhes interessado. Sem falar-se no fato de que parte significativa das Empresas está operando sob forte risco de insolvência. De que adianta o juro baixo para o consumo, se o segmento produtivo respectivo não consegue produzir os itens demandados na proporção adequada? Vamos ser claros, a Economia, em seus fundamentos, desatadas as perfumarias, está uma bagunça, amarrada e impotente (**DO BLOG — Publicado em 04 de Outubro de 2017**)

O petróleo explodia terra acima no recôncavo baiano, os mandarins subiram o tom e aumentaram a pressão negando a existência do óleo no país; brasileiros de verdade entraram na luta, Monteiro Lobato engajou-se. Ante a evidência inafastável e a disposição brasileira de, mais uma vez, não se deixar enganar, a estratégia mudou; nossas jazidas petrolíferas deveriam ser exploradas por empresas estrangeiras. A luta recrudesciu, um governo para o Brasil posicionou-se, surgiu a Petrobras, que tinha, como tem, de ser estatal num país com grupos de mandarins sensíveis à entrega das riquezas do país. Ser estatal dificulta as coisas para eles. De certa de um ano e meio para cá, jazidas do pré-sal, na nossa plataforma marítima, entraram na pauta de entregas, bilhões de barris de óleo. O nosso petróleo será explorado por terceiros, produzido a qualquer coisa como 6 (seis), 7 (sete), 8 (oito) dólares o barril, que recompremos pela cotação internacional, hoje acima de 70 (setenta) dólares. Esse escândalo nem é mais entrega, é um real estupro do país, tem de ser revisto.

Do jeito que as coisas estão, nossas exportações não têm futuro, logo, a expansão do nosso espectro industrial, logo, o emprego, não têm futuro. As exportações, esbarrando no teto da incompetência e dos interesses, não piando a mais intensa movimentação de riquezas, manterá inibido o mercado interno que, por sua vez, não assumirá o seu papel natural de grande consumidor e motor do consumo, que move a industrialização, o emprego, os serviços e as atividades paralelas e correlatas, disparando a Economia do país. Os mandarins nos querem um país agrário, com um mínimo de indústria e com o máximo de tecnologia obsoleta, importante o que quer compreender tecnologia avançada. O tempo de sair do isolamento econômico regulatório para o campo econômico globalizado, precisamos deixar o primarismo econômico interno e especialmente nosso comportamento selvagem externo para usufruir das vantagens de um comércio exterior civilizado, produtivo e lucrativo, não fazer regra de acordos regulatórios engessadores, reduzir a rigidez limitadora e ingressar no terreno das práticas sérias e saudáveis exemplarmente alinhadas nas convenções internacionais do mundo civilizado, afastando desse modo os mandarins a quererem o Brasil de cabeça e modos grosseiros, como são as suas próprias cabeças e modos. É imperativo desligarmo-nos das nossas origens, nefastas e desonestas, interesseiras e fingidas. Há algum país oriundo do mesmo tronco que o Brasil a ter alcançado padrões gerais aceitáveis, satisfatórios, não apenas em suas elites, mas na população como um todo? Temos alguns bons instrumentos, mas precisamos de mais, muito mais, aos quais apenas chegaremos se afastarmos de nós o cálice amargo da nossa bagunça histórica, e nos empenharmos em comportamentos civilizados econômicos, comerciais e gerais, internos e externos. Os mandarins nada têm a oferecer nesse quesito, ainda se querem os donos do pedaço; foram, são e sempre serão capazes de muita coisa feia para manter o *statu quo*. É urgentemente necessário aprender a dizer-lhes não, deixarmos de ser os *yes-men* a quem estão habituados. Sem isso, sem desconstruir o projeto dos mandarins, continuaremos a ser os selvagens do juízo que sempre fizeram de nós e ampliaremos a Reserva já estabelecida. Ninguém fala dos nossos milhões de desempregados, dos desesperançados da busca do emprego. Isso não interessa aos mandarins, para eles é perfeitamente natural; de fato, “essa gente”, como é da sua expressão, para eles nunca existiu. (**DO BLOG — Publicado em 19 de Junho de 1918**)

Temos no DNA a marca do colonizador: viver às expensas da colônia. Já se abordou aqui questões essenciais para o estabelecimento do país como candidato ao desenvolvimento sustentado, duas vertentes bem definidas: a Administração Pública e o empregariado. Não chegaremos a lugar nenhum com a observada escassez de mão de obra qualificada, estradas, portos, energia, carga trabalhista e fiscal que aí estão, assim como a muito pouco além do que temos poderemos aspirar se os nossos homens de negócios não implementarem as políticas empresariais necessárias à ultrapassagem dos termos médios alcançados pela nossa Economia.

Está mais do que na hora dos empresários afeitos à prática aposentarem o pires historicamente estendido para recolher as benesses circunstanciais concedidas pela Administração para facilitar-lhes a vida, de seguir o exemplo da indústria do calçado que, em última análise, por questão pura de sobrevivência, partiu para a modernização dos seus equipamentos, para a racionalização dos meios de produção, para a adoção de modernos princípios administrativos, para a redução dos custos e melhoria de qualidade que lhes estão devolvendo a competitividade.

Corremos o sério risco de estacionar no patamar em que estamos devido à nossa incapacidade de crescer solidamente, com fundamentos próprios. Se e quando os dois lados do Atlântico Norte voltarem ao seu patamar econômico habitual, deixaremos de ser os queridinhos da vez porque todo esse frenesi por investimentos no Brasil apenas se manifesta por absoluta falta de alternativa para os grandes capitais internacionais. Pode ser muito dura a volta à nossa velha e conhecida realidade. Já vimos esse filme antes (**DO BLOG — Publicado em 28 de Março de 2012**)

Você já se perguntou o que acontecerá quando terminar o desmonte de nossas montanhas de ferro, cair nossa capacidade de produzir petróleo e, livre-nos Deus, diminuir, pelos impactos da Natureza, nossa produção agrícola? Os senhores de olho e da morte estão loucos para arranjar um jeito de poluir de uma só tacada todo o planeta, isso se não conseguirem destruí-lo de vez. 1 trilhão e 500 bilhões de dólares para o orçamento da Defesa só para este ano de 2018. Muito bem, você já se perguntou? Não? Eu vivo pensando nisso. Quer saber, de saída, o que acontecerá? Os produtos de qualidade média para boa companhia de defesa são de melhor qualidade nas exportações; tudo o que prestar será exportado. Para fazer divisas? Não, para pagar contas. Internamente ficaremos com o resto não para mal nos alimentarmos. Sim, destruiremos? Não! O que será dos brasileiros do futuro? Ou eles não têm futuro? Há países que até derrubaram florestas, mas mantiveram os produtos primários, mantendo, assim, sua capacidade de produção e sobrevivência, protegeram os seus habitantes do futuro, não lhes venderam a sorte para pagar oportunistas e aproveitadores. E até replantaram as árvores que derrubaram. Tornaram-se potências. E dão-se o luxo de constituírem provisões futuras em outros países! Isso por quê? Por administrarem bem os seus recursos, não os dilapidando, tornando-se por sabe forte, muito fortes, em todos os sentidos. E nós, o que fazemos?

O que acontecerá com o Brasil, com as nossas águas, com a nossa Amazônia, com toda a Amazônia, a considerar neste último caso o que já está acontecendo? Cogita-se a Embraer passando para o domínio estrangeiro, balões de ensaios já estão sendo convenientemente soltos no ar, aplicação de termômetro, a União tem de concordar. Eletrobrás, Aeronáutica e Energia são estratégicas. O grau de desnacionalização do nosso parque industrial é assustador. Capricha-se para que o Brasil não se equipe, para que os brasileiros não constituam meios de defesa; chegará o tempo de serem enxotados do seu próprio país? Não é piada, tremo ao pensar nisso, não jogados no mar, necessariamente, mas confinados no que temos de mais árido e inóspito, as melhores regiões e cidades reservadas para usufruto de *gentes especiais*, as *gentes não especiais* reservadas para as funções inferiores, a serem especificadas pelas *gentes especiais* e seus *experts*. Isso é fantasia, alucinação, teoria da respiração, chavões usados sempre que alguém toma em pontos insensíveis? Há quem não queira a população em geral pensando nessas coisas, sempre tentando impedir sejam ditas, divulgadas, consideradas, comentadas.

Continuam-se a buscar fundos para manter os nossos absurdos estruturais, os altos e imprudentes custos que nos têm arruinado. Desmontamos com mais velocidade no afã de pagar e se gastar mais e mais. Déficits monstruosos nos acenam a insolvência; a palavra para definir o estágio seguinte é impronunciável. Ela é sugerida por nossas perspectivas.

Um toque nos discursos desatualizados: Não há mais espaço para a repetitiva questão das privatizações, há que se fazer funcionar adequadamente, com quadros enxutos e profissionais, o que temos. Tudo o que não é estatal no Brasil fica perigosamente exposto a circunstâncias, olha o que está acontecendo com a Embraer! O Brasil precisa de quem saiba fazer boa política, não essa política que aí está, precisa de quem domine a arte de administrar e, muito especialmente, de quem saiba estabelecer prioridades, notadamente quanto às atividades de algum modo estratégicas. Praticamente, já perdemos o bonde da história, mas sempre é tempo de começarmos a nos preservar.

Embora aparentemente descartada, vale insistir; não aprovem, senhores, qualquer reforma da Previdência enquanto contas não forem prestadas, centavo por centavo, do que tem sido feito nos últimos três anos com o que foi arrecadado a esse título; façam leis, isso sim, para começar a demolir o pesado fardo que o país carrega sem forças para fazê-lo. Preserve-se o Artigo 5º da Constituição Federal e revejam-se por intermédio de uma Comissão todas as estruturas existentes, adequando-as às nossas realidades, às nossas condições reais., questão de sobrevivência (**DO BLOG — Publicado em 19 de fevereiro de 2018**).

**O TEMPO REGENERADO, UMA RETROSPECTIVA DO BLOG — Publicado em 2 de Janeiro de 2019**

